

## Papel em branco

INEVITÁVEIS DECEPÇÕES QUE O DESENHO DO NOVO GOVERNO DEVERÁ PROVOCAR

*Rogério L. Furquim Werneck\**

Há cerca de um mês, previa-se que, sem uma rápida definição dos nomes responsáveis pela condução da política econômica do próximo governo, logo após o segundo turno, seria muito difícil manter os mercados financeiros sob relativo controle. Ao arrepio dessa previsão um tanto açodada, o presidente eleito conseguiu atravessar boa parte de novembro sem qualquer esclarecimento sobre a composição de sua equipe econômica. Com habilidade, manteve a formação do governo como um papel virtualmente em branco, sem que os céus tenham vindo abaixo. Muito pelo contrário. Houve até alguma distensão nos mercados financeiros.

É natural que Lula tenha querido ganhar tempo. Tem diante de si uma tarefa extremamente complexa. Não se trata da formação de um governo qualquer. Mas de um governo de um presidente que construiu uma espetacular vitória eleitoral de forma algo peculiar, em cima de vertiginosa mudança em seu discurso econômico, com a súbita adoção (com grande sucesso) de uma postura radicalmente distinta da que vinha assumindo até bem pouco tempo. Mudança tão rápida e tão radical de discurso estava fadada a deixar inevitável rastro de incerteza. É mais do que razoável, portanto, que persistam sérias dúvidas sobre a efetiva extensão com que o novo discurso deverá se refletir na condução da política econômica do governo Lula. E não é surpreendente que a composição da nova equipe econômica esteja sendo acompanhada com tanta expectativa. Não só pelos segmentos mais conservadores da opinião pública, como pelas alas mais à esquerda da ampla coalizão de forças que deu apoio a Lula.

Mantendo o papel em branco, o presidente eleito postergou as inevitáveis decepções que o desenho do novo governo deverá provocar, à esquerda ou à direita. Por enquanto, de um extremo ao outro do espectro político, há amplo espaço para fantasias sobre o que afinal vai ser desenhado no papel. Os segmentos mais radicais da esquerda ainda alimentam a esperança de que os desenhistas sejam o velho Lula e o velho PT, e de que o realinhamento da cúpula do partido à direita acabe sendo muito mais limitado do que sugere o discurso recente. No extremo oposto do espectro, há quem sonhe com desenhos que mais parecem saídos de uma prancheta de *Wall Street*. Com o papel em branco, cada um acredita no que quer.

Mas, como mostram os desenvolvimentos desta semana, o período de indefinição vai chegando ao fim. E o novo governo começa a tomar forma. Ainda que se imagine que o desenho já esteja pronto – o que é bastante improvável – e que agora se trata apenas de regular como será aos poucos revelado, é preciso ter em mente que, aos olhos da opinião pública, o processo de formação do governo parece cercado de grande incerteza. Que Lula e que PT de fato aflorarão da metamorfose por que aparentemente passaram nos últimos meses? Quanto terão efetivamente mudado? É o que agora começa a ser desvelado. É como se, na vitória eleitoral, dois dados tivessem sido lançados. E o que agora se assiste é o lento rolar desse par de dados, como numa tomada em câmera-lenta, com a opinião pública de olhos fixos, acompanhando com grande atenção cada movimento, ansiosa pelo resultado. Há quem torça por seis-e-seis e há quem reze por um-e-um. Qualquer que seja o desfecho, haverá festejo, alívio e decepção. Mas não há resultado que possa agradar, ao mesmo tempo, aos

mercados financeiros e aos amplos segmentos mais à esquerda da complexa coalizão política que deu apoio a Lula. Vai chegando a hora da verdade, em que decepções e seus desdobramentos terão de ser enfrentados.

Tais problemas só puderam ser adiados por algumas semanas porque, desde a vitória de Lula, o PT vem sabendo manter um discurso econômico unificado e coerente que, por si só, foi capaz de conter a turbulência no mercado financeiro. Num primeiro momento, coube ao presidente do partido ser porta-voz desse discurso. Mais recentemente, tal papel vem sendo desempenhado com grande eficácia pelo coordenador da equipe de transição, Antônio Palocci.

O que torna o quadro bem mais complexo é que de fato o desenho do novo governo está longe de estar pronto. E poderá ser em grande medida afetado pela antevisão das decepções que soluções alternativas poderão suscitar. Uma boa medida das dificuldades que a definição da nova equipe econômica poderá ter de enfrentar é dada pelas críticas que as posições ponderadas de Palocci já vêm recebendo na imprensa. O que merece atenção não são críticas provenientes de setores mais radicais da esquerda, mas de certos segmentos da grande imprensa. Denotam enorme resistência à análise fria da realidade econômica do País e ao reconhecimento dos limites do possível. Qualquer preocupação com coerência macroeconômica tende a ser descartada como continuismo e “mais do mesmo”. Até nesses segmentos mais intelectualizados, parece haver uma incontida demanda por magia. As expectativas parecem supor que o novo presidente tem poderes mágicos.

O que talvez não esteja ainda devidamente percebido é que, de certa forma, há de fato um poder quase mágico de que só Lula dispõe. Em 2002, a economia brasileira foi engolfada por uma colossal crise de confiança da qual até agora não conseguiu sair. FHC e Malan viram-se diante de uma missão impossível. Convencer os mercados financeiros de que o partido que estava prestes a conquistar a presidência da República havia mudado da água para o vinho. Que abandonara de vez o discurso de 2000, e até mesmo o de 2001. Não houve forma de vencer o ceticismo. Conseguiu-se apenas evitar o pior. O risco-Brasil permanece em 1600 pontos-base e taxa de juros acaba de ser elevada para 22% ao ano. O novo governo tem pela frente, portanto, uma extraordinária oportunidade. Se fizer o que precisa ser feito, pode, em poucos meses, cortar o risco-Brasil à metade e reduzir em muito a taxa de juros, abrindo caminho para uma retomada sustentada de crescimento. Afinal nada melhor que o próprio governo Lula para convencer os mais céticos de que o PT de fato mudou.

---

\* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.